

“A Marca Invisível”, de Antonieta Costa e Magno Jardim

Livro destaca achados da ilha Terceira que permitem analisar a “cultura megalítica” incluindo as navegações Norte Atlânticas

Livro da investigadora Antonieta Costa e de Magno Jardim deverá ser lançado no início do próximo ano e transmite uma nova luz a propósito dos achados que têm sido feitos na ilha Terceira que dão conta da pertença desta “cultura megalítica” a uma “cultura diferente da actual” e que acabará gradualmente “por verificar-se via do conhecimento e do estudo”, refere o madeirense Magno Jardim que participou durante este ano no trabalho de campo de uma equipa que estudou estes “vestígios ancestrais”.

Qual a temática do livro “A marca invisível”, que é escrito em conjunto com Antonieta Costa? Qual a sua participação no livro?

O livro tenta abordar a temática da “crise de conhecimento” que a actual Civilização sofre em contacto com evidências de outras civilizações que a precederam não aceitando sequer o seu estudo, a sua afirmação e as conclusões didáticas que das mesmas possam advir. Eu, por meio da integração na equipa de estudo, em particular caso a que esteve presente na ilha Terceira, e após a contínua exploração destes resquícios na ilha da Madeira, tendo observado e fotografado, ainda mais evidências após essa data, até porque, no desenrolar desta minha investigação, as pessoas começam a ganhar consciência e conhecimento do assunto em questão e alertam para o desconhecido que está ali mesmo ao lado.

Nesta obra acabo por desenvolver um capítulo sobre a Região Autónoma da Madeira ainda que, do pouco que vem sendo registado em relação ao que existe, segundo relatos de algumas pessoas mais conhecedoras, muito mais há por descobrir e assegurar para sua preservação. Assim que me foi dado a conhecer pela Doutora Antonieta Costa a existência de um livro da sua autoria para publicar relativamente ao assunto e sendo eu “publisher” da Chiado Grupo Editorial não hesitei em colaborar por forma a agilizar o processo.

Quando será lançado? Nos Açores está previsto o lançamento também?

Será lançado primeiramente em Lisboa no início do ano de 2020. A Câmara Municipal de Angra do Heroísmo (que patrocinou a exposição fotográfica que lhe deu origem, esta, da autoria da Doutora Antonieta Costa) irá proceder a um segundo lançamento local, ainda sem data prevista.

Que importância tem esta obra dado tudo o que (ainda pouco) se conhece em relação aos vestígios encontrados nos Açores?

Esta obra, segundo Antonieta Costa, irá permitir observar o desenvolvimento do fenómeno designado como “Cultura Megalítica”, encontrado nos continentes e outras ilhas, a partir de um novo horizonte no qual se torna essencial incluir também a história de navegações Norte Atlânticas.

Na minha opinião, a partir do período neolítico com passagens obrigatórias pelas ilhas da Madeira e dos Açores, assinaladas nas mais diversas obras e em casos mais específicos no trabalho desenvolvido pelo Doutor Reinoud de Jonge, antigo director do instituto de investigação megalítica como sendo estas prévias às conhecidas - Portuguesas etc. A informação arqueológica, os livros de história dispersam esse evento apenas a partir de fenómenos migratórios restritos aos continentes e estreitas passagens marítimas. Deste modo, (principalmente) na Ilha Terceira, sendo tão vasta e numerosa, permite extrapolar para ocupações do espaço mais



Antonieta Costa e Magno Jardim durante a visita de campo na ilha Terceira para análise dos “registos ancestrais”

demoradas e/ou mesmo de carácter permanente consequentemente na ilha da Madeira e outras ilhas e partes do litoral Atlântico devido ao conhecimento que trouxeram do Médio Oriente e da Europa Central e irá certamente derramar uma nova luz e conhecimento acerca destes vestígios.

Este livro, os achados e estudos que têm sido feitos sobre eles põem em causa as datas apontadas para o povoamento/ descoberta dos Açores e da Madeira. Pode explicar um pouco esta questão?

O achamento e “descoberta” dos Açores e da Madeira pelo povo português poderão e deverão ter ocorrido tal como foram descritos. Estes arquipélagos poderiam estar desocupados na altura. Porém, cronistas da época referem “... os profundos vestígios que em muitas partes fizeram os carros (do mesmo sintel que os d’hoje) e dos quais ainda aparecem rompidas pedreiras nos matos altos: Caminho do Borratem, Areyeiros, fim da Serra, Cavacos, Caldeira e outras muitas partes, onde os nossos nomenários confessam que sempre os conheceram, já com admiração de seus paes, que os tinham por obra de remotos séculos.” (F. Ferreira Drummont, “Anais da Ilha Terceira”, I Volume, pp. 20 e 21), ou ainda, do mesmo autor “... também em algumas escavações se tem encontrado sinais de edifícios, que já houveram, e outras coisas que deixam em perplexidade. À vista do que parece haver algum povo habitado, (lá nessas idades milionárias) a ilha de Jesus”.

Quando aqui na Madeira se começa a reconhecer com uma possibilidade ainda maior, derivando também desse mesmo tipo de relatos, evidências

que, continuamente, aparecerem e que o constatar dessas presenças anteriores parece ter sido sempre desconsiderada mas, cada vez mais, uma hipótese. Sendo que, presentemente ou a partir do início deste milénio, transformou-se, não só aqui, mas a nível mundial, numa luta desesperada pela permanência do paradigma cognitivo e histórico utilizado na explicação do mundo actual, onde culturas anteriores se encontraram extintas, ainda que considere o seu extermínio, à semelhança da ocupação e desenvolvimento da sociedade Americana em território Índio tendo sido essa Raça Humana quase extinta devido à sua colonização/ repovoamento, entre outros exemplos, como agora mais recentemente com a ocupação da Amazónia indígena para a apropriação dos seus recursos naturais para a indústria e a subsistência da sociedade “moderna” no seu normal padrão de desenvolvimento. Aliás, exemplos não faltam até das navegações e colonizações avançadas à época de outros países, quer seja o Reino Unido, Portugal, Espanha, Holanda, etc. No entanto nunca descartando as catástrofes naturais, as epidemias, também essas causadoras de devastação e declínio de muitas civilizações.

O que falta fazer para que esses achados e estudos sejam “validados” e sejam aceites? (quer pela História quer pela comunidade científica)

Segundo Antonieta Costa, o processo de “imposição da realidade” frente às deformações perceptivas que a cultura e o pensamento científico lhe impõem, acaba sempre por permitir que ela se revele. A “realidade” da pertença destes achados a uma cultura diferente da actual é incontestável e, gradualmente acabará por verificar-se via do conhe-

“Foram utilizadas técnicas de análise como a Fenomenologia e algum Comparativismo na detecção dos objectos de estudo Gradualmente irão sendo criadas formas mais sofisticadas de aprofundamento desta “Cultura Megalítica” que permitam um seu conhecimento mais próximo daquele que se entende por “análise e conclusão de método científico”

cimento e do estudo. Ajustes já estão a acontecer, tal como aconteceram quanto se percebeu que a Terra afinal não é plana, mas sim esférica, que não é o centro do universo, ou que não é o sol que gira à sua volta. Erros de percepção deste tipo acabam por ser corrigidos através da mera confrontação com a realidade, quando a sua deturpação é produzida pelas “verdades” estabelecidas pelo “senso comum”, que acaba por lhes impor uma percepção errónea. Por norma, o mecanismo de auto-correcção passa a actuar, através de indivíduos do grupo que denunciam o erro, como Galileu o fez (e já depois da Madeira e Açores estarem habitados), através da mera observação cuidada e isenta de preconceitos.

No caso presente, foram utilizadas técnicas de análise como a Fenomenologia e algum Comparativismo na detecção dos objectos de estudo, libertando-os do erro que induz à ignorância da sua existência. Gradualmente irão sendo criadas formas mais sofisticadas de aprofundamento desta “Cultura Megalítica” que permitam um seu conhecimento mais próximo daquele que se entende por “análise e conclusão de método científico”. Porém, a aceitação do erro também não será fácil. Embora o caminho seja longo e custoso de percorrer, a nível global existem já comunidades de estudo, observação, registo e partilha de informação deste tipo de objectos e de salvaguarda patrimonial de uma identidade humana pertença da história desconhecida.

Por mim acho que, frente a esta nova realidade, completamente liberta das amarras impostas pelo cárcere das instituições da sociedade moderna que não as aceita, nem querem ver o paradigma mudar, muito menos o “Status Quo” pelo qual é orientada